



Mestrado em Economia- Especialização em Economia Industrial

Efeitos da Crise da Dívida Soberana sobre o Emprego de Diferentes Grupos da População

Ana Rita Fernandes Monteiro

Trabalho de Projeto Orientado por:

Professora Doutora Lina Paula David Coelho

Janeiro de 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U

C •

FEUC

FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Mestrado em Economia- Especialização em Economia Industrial

Efeitos da Crise da Dívida Soberana sobre o Emprego de Diferentes Grupos da População

Ana Rita Fernandes Monteiro

Trabalho de Projeto Orientado por:

Professora Doutora Lina Paula David Coelho

Janeiro de 2014

Agradecimentos

O encerrar de mais um ciclo de estudos com a elaboração da dissertação de mestrado é certamente um momento oportuno para agradecer a todos aqueles que de forma, direta ou indireta, contribuíram para que alcançasse os meus objetivos e concluísse mais esta etapa da minha formação académica. Apesar, deste pequeno espaço não ser o suficiente para agradecer como gostaria deixo aqui poucas mas sentidas palavras de agradecimento:

- À minha orientadora, Professora Doutora Lina Coelho, pela orientação e apoio incondicionais que em muito desenvolveram os meus conhecimentos científicos e, sem dúvida, muito estimularam o meu desejo de querer, sempre, saber mais e a vontade constante de querer fazer melhor apesar dos percalços e dificuldades que surgiram neste percurso.

- A todos os docentes da FEUC com os quais tive o prazer de me cruzar, por terem partilhado os seus conhecimentos ao longo da minha vida académica.

- À minha família, em especial aos meus pais e aos meus irmãos, por sempre acreditarem nas minhas capacidades e por sempre me apoiarem nas demais decisões feitas ao longo do meu percurso académico e da minha vida.

- Ao Fábio, por toda a amizade e carinho, por todo o apoio e pela ajuda incondicional que, sem dúvida, foram mais-valias para a realização deste trabalho.

- Aos meus amigos, por todo o carinho e companheirismo que demonstraram, que sempre do meu lado foram essenciais para que mantivesse a minha sanidade mental ao longo deste trabalho.

- Aos meus colegas de casa, que de certa forma contribuíram para que este trabalho fosse concretizado e que sempre estiveram para me apoiar em horas de frustração e nervosismo.

-A Coimbra por todos os momentos aqui vividos e a todos que aqui tive o prazer de conhecer e desenvolver amizades valiosas que certamente levo para a vida.

A todos um sincero e profundo obrigado!!!

Resumo

A presente dissertação examina os efeitos da crise da dívida soberana sobre o emprego de diversos grupos da população nos países mais afetados (Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda). Para tal recorre-se ao método proposto por Cho e Newhouse (2013) para avaliar a alteração no comportamento da tendência dos principais indicadores do mercado de trabalho em consequência da crise, para grupos de trabalhadores com diferentes características de sexo, idade e escolaridade. A Grécia apresenta-se como o país onde o decréscimo da taxa de emprego e o crescimento da taxa de desemprego foram mais significativos. Portugal, Espanha e Irlanda apresentam resultados similares nestes indicadores, realçando-se o aumento da taxa de inatividade que pode sustentar um fenómeno de emigração. Os jovens destacam-se como sendo os trabalhadores mais vulneráveis no mercado de trabalho. As disparidades observadas em função da idade revelam-se maiores do que aquelas verificadas nas características do sexo e da escolaridade.

Palavras-chave: mercado de trabalho, crise da dívida soberana, desemprego, emprego, inatividade.

Classificação JEL: E24, E32, J21, J64, O15.

Abstract

This dissertation examines the effects of the sovereign debt on employment of different groups of the population in the most affected countries (Portugal, Spain, Greece and Ireland). In order to do that was used the methodology proposed by Cho and Newhouse (2003) to assess the change in behavior of the trend of the main indicators of the labor market as a result of the crisis, for groups of workers with different characteristics of sex, age and education method. Greece presents itself as the country where the decrease in the rate of employment growth and the unemployment rate was more significant. Portugal, Spain and Ireland have similar results on these indicators, highlighting the increase in the rate of inactivity that may be indicate a phenomenon of emigration. Young people stand out as being the most vulnerable workers in the labor market. The differences observed according to age show up larger than those observed in the characteristics of sex and education.

Keywords: labor market, sovereign debt crisis, unemployment, employment, non-participation.

JEL Classification: E24, E32, J21, J64, O15.

Índice

Índice de Figuras e tabelas	iv
Índice de Abreviaturas	v
1. Introdução.....	1
2. Revisão da Literatura	2
3. Dados e Metodologia	7
3.1. Construção da amostra.....	7
3.2. Metodologia	8
4. Análise e Discussão de Resultados.....	12
5. Conclusão	24
Referências Bibliográficas.....	26

Índice de Figuras e Tabelas

Figura 1. Ajustamentos das taxas de emprego, desemprego e inatividade para o total da população (2004/08-2008/2012).....	14
Figura 2. Ajustamentos das taxas de emprego para diferentes tipos de trabalhadores e para diferentes setores de atividade (2004/08-2008/2012).....	18
Tabela 1. Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise para a taxa de emprego dos trabalhadores do sexo masculino com idades compreendidas entre os 15 e 24 anos e com baixa escolaridade em Portugal.....	11
Tabela 2. Quadro síntese das variações médias entre os resultados do período pós-crise e pré-crise para os indicadores considerados para os diferentes grupos observados neste estudo.....	19
Tabela 3. Representação dos coeficientes correspondentes à regressão realizada para cada país relativamente ao agravamento da taxa de emprego.....	21
Tabela 4. Representação dos coeficientes correspondentes à regressão realizada para cada país relativamente ao agravamento da taxa de desemprego.....	22

Tabela 5. Representação dos coeficientes correspondentes à regressão realizada para cada país relativamente ao agravamento da taxa de inatividade.....23

Índice de Abreviaturas

- **PE-** Parlamento Europeu
- **CE-** Comissão Europeia
- **PT-** Portugal
- **ES -** Espanha
- **EL -** Grécia
- **IE -** Irlanda

1. Introdução

A Europa encontra-se mergulhada numa profunda crise da dívida soberana que corresponde a uma segunda fase da crise financeira que se iniciou em 2008 nos Estados Unidos da América.

Países como Portugal, Grécia, Espanha e Irlanda têm experienciado os mais adversos efeitos desta crise sendo que as repercussões ao nível do mercado de trabalho têm sido notáveis. O desemprego nestes países tem atingido valores históricos e as famílias foram confrontadas com cortes significativos no seu orçamento familiar.

A questão da vulnerabilidade no mercado de trabalho de certos grupos da população, como os jovens candidatos a empregos e as mulheres, tem sido sistematicamente colocada, como sendo aqueles que mais costumam enfrentar dificuldades no acesso ao emprego. Dados do EUROSTAT para a UE-27 desde 2008 até 2012 permite constatar isso mesmo, sendo que se observou o crescimento da taxa de desemprego jovem de 15,8% para 22,9% e do desemprego feminino de 7,6% para 10,5%, por contraponto com os valores de 6% para 9,1% e de 6,7 para 10,4% para adultos e homens, respetivamente.

As dificuldades vividas pelos homens e pelas mulheres são distintas, uma vez que as suas participações no mercado de trabalho são diferentes, o que implica que a crise tenha efeitos e repercussões desiguais para ambos os sexos, quer na sua natureza, quer no tempo em que ocorrem.

Esses diferentes efeitos e repercussões verificam-se acima de tudo devido à segregação existente no mercado de trabalho entre homens e mulheres. As mulheres estão mais concentradas em empregos do setor público e administrativo e nos serviços, em geral, enquanto os homens estão relativamente mais concentrados em empregos do setor privado, nomeadamente na indústria transformadora e construção. Segundo Villa and Smith (2010:34) no início da crise os homens são os mais afetados, dada a sua concentração nos setores acima referidos. Por conseguinte, as mulheres estão mais propensas a efeitos nefastos com o desenrolar da crise, uma vez que são mais afetadas com os cortes no setor público.

A crescente participação das mulheres no mercado de trabalho implica que a sua remuneração seja cada vez mais significativa no orçamento familiar, sendo que as condições

económicas adversas geradas pela crise podem gerar dois efeitos opostos. Assim, no início da crise as mulheres inativas poderão ser encorajadas a entrar no mercado de trabalho de forma a compensar a perda de remuneração do cônjuge desempregado e a deterioração do orçamento familiar (efeito “added worker”). Porém, com o decorrer da crise, elas podem ser desencorajadas a estar no mercado de trabalho pela crença de não existirem empregos disponíveis (efeito “discouraged worker”) (PE, 2011: 24).

O estudo destes efeitos pode ser muito restrito, uma vez que só considera casais, pelo que será mais propositado o estudo mais amplo dos efeitos da crise, em geral, para homens e mulheres.

Com este trabalho de projeto pretende-se estudar as alterações que ocorreram no mercado de trabalho por força da crise da dívida soberana para os homens e para as mulheres, de diferentes idades e com diferentes níveis de escolaridade. Analisar-se-á o comportamento de variáveis como a atividade/inatividade e o emprego/ desemprego, para os diferentes grupos considerados, desde o período pré-crise até ao momento presente.

O estudo será aplicado a Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda, uma vez que são países onde o decréscimo do emprego tem sido mais longo e mais profundo, sendo que só muito recentemente se registou o seu possível ponto de inflexão. Este estudo será efetuado através de uma análise de dados obtidos através Inquérito do Emprego do EUROSTAT, para o período de 2004 até 2012.

O presente trabalho é composto por cinco secções principais. A presente secção é a introdução onde estão apresentados os objetivos que se pretendem atingir, bem como a sua organização. Na secção 2 é efetuada uma revisão da literatura, onde se sintetizam alguns dos principais estudos sobre o tema em análise. Na secção 3 apresenta-se a construção da amostra, sendo apresentadas as características desta, a fonte dos dados e a sua descrição, e a metodologia detalhada em duas partes, uma que contém a análise geral dos mercados de trabalho e a outra que compara os impactos da crise da dívida soberana por grupos de população. A secção 4 expõe e discute os principais resultados. O estudo termina com uma síntese das principais conclusões.

2. Revisão da Literatura

A atual crise da dívida soberana e os seus efeitos têm sido objeto de várias discussões, sendo o estudo de crises passadas um ponto de partida para compreender as repercussões

nefastas que esta tem tido ao nível do mercado de trabalho e as disparidades existentes entre homens e mulheres, de diferentes idades e de diferentes escolaridades.

No entanto, o resultado da análise das crises passadas pode não ser suficiente uma vez que existem boas razões para acreditar que esta crise é diferente. Esta crise é muito mais intensa, a posição das mulheres no mercado de trabalho é muito mais significativa do que no passado e a contenção das finanças públicas tem desempenhado um papel crucial com redução de despesa pública ao invés do que tendia a acontecer em crises passadas (PE, 2011 :25).

O impacto inicial da crise foi fortemente vivenciado pelos homens, efeito que é consistente com as crises anteriores, uma vez que estes concentram-se em empregos do setor privado, nomeadamente da construção e da indústria transformadora. Contudo, com o desenrolar da crise, as mulheres tendem a ser mais afetadas pela perda de emprego, diversamente da tendência das crises anteriores em que o emprego feminino permanecia estável ou até mesmo reforçado. Ou seja, a proteção fornecida pela segregação de género existente no mercado de trabalho parece muito menos presente nesta crise do que em crises anteriores (Villa and Smith, 2010: 34).

Esta mudança, associada à maior integração das mulheres no mercado de trabalho (inclusive no setor privado), implica que estas sejam atingidas na fase inicial da crise (embora de forma menos intensa que os homens) mas também numa fase posterior, à medida que a crise financeira se transforma em crise da dívida soberana e os governos implementam medidas de saneamento das finanças públicas (PE, 2011: 26-27).

Segundo Ghignoni and Verashchagina (2012: 3), ocorre uma elasticidade cruzada, geralmente com sinal negativo, entre o emprego das mulheres e a remuneração obtida pelos seus cônjuges. O facto de, em média, as remunerações dos homens serem superiores à das mulheres, implica que a participação das mulheres no mercado de trabalho seja menor que a dos homens. Contudo, em virtude da atual crise, o agravamento do desemprego masculino tende a conduzir a que as mulheres inativas procurem tornar-se ativas, isto de forma a contrariar a perda do rendimento familiar.

O estudo destes efeitos cruzados costuma fazer-se pela análise dos efeitos *added worker* (Woytinsky, 1940) e *discouraged worker* (Long, 1958 e Mincer, 1962), que surgem no mercado de trabalho em situações de recessão ou aquando de alterações na produtividade

dos indivíduos, empregados ou inativos, o que poderá levar a alterações na oferta de trabalho familiar.

Segundo Ehrenberg and Smith (2012: 218-219) o efeito *added worker* consiste no facto de as mulheres inativas serem incentivadas a entrar no mercado de trabalho aquando da perda de trabalho dos respetivos cônjuges como forma de compensar a perda de rendimento familiar. Assim, a opção das mulheres entrarem no mercado de trabalho e deixarem de ser inativas decorre de um efeito rendimento (Mincer, 1962: 65).

Quanto ao efeito *discouraged worker*, Ghignoni and Verashchagina (2012: 2) definem-no como sendo o efeito que ocorre com o agravamento da crise, quando a subida do desemprego faz com que as mulheres passem a acreditar que não existem empregos disponíveis, assumindo assim uma situação de inatividade. Ehrenberg and Smith (2012: 219) equacionam esta questão em função do salário esperado, sendo este função do salário obtido pelos trabalhadores que estão no emprego e da probabilidade de obter (ou não) emprego. Sendo a oferta de trabalho elevada, espera-se que exista queda nos salários reais esperados, o que induz um efeito substituição para as mulheres, ou seja, nestas circunstâncias, a decisão da mulher abandonar o mercado de trabalho domina sobre o efeito rendimento.

A questão que se coloca à investigação é saber qual destes efeitos domina em tempo de crise. Edrenberg and Smith (2012: 220-221) defendem que ambos podem coexistir, na medida em que abranjam diferentes grupos da população (em função, por exemplo, da educação ou do setor). O que os estudos têm vindo a mostrar é que em sucessivas crises passadas o efeito *added worker* tem vindo a perder intensidade e que o efeito *discouraged worker* tem predominado conduzindo a perdas líquidas de emprego.

Esta ideia é de alguma forma confirmada pela Comissão Europeia (2012: 79) uma vez que se observa um significativo aumento da inatividade feminina, revelando o efeito *discouraged worker* nas mulheres, em alguns estados membros, tais como a Grécia, Portugal e Espanha.

É importante sublinhar também que os efeitos da crise sobre o mercado de trabalho também são função da idade dos trabalhadores e não só do sexo.

Nas fases iniciais das crises tem-se registado reduções das taxas de emprego para os jovens do sexo masculino e em fases posteriores taxas mais baixas de emprego para jovens do sexo feminino, sendo que estas taxas decrescem muito mais rápido do que a dos

indivíduos do sexo masculino (Villa and Smith, 2010: 6). No que diz respeito aos indivíduos com idades mais avançadas, a taxa de emprego tem tendência a diminuir com a idade, assim como as hipóteses de reingresso no emprego após um episódio de perda.

Também o nível de educação é um fator a ter em conta na análise da dinâmica do mercado de trabalho. Segundo a análise realizada pela Comissão Europeia (2012: 89), nas crises anteriores indivíduos com níveis de educação mais elevados estiveram relativamente protegidos da perda de emprego, enquanto indivíduos com níveis mais baixos de escolaridade estiveram mais sujeitos à perda de emprego. No entanto, nesta crise o nível de proteção dos indivíduos com habilitações mais elevadas tem-se diluído, sendo que a sua vulnerabilidade à perda de emprego se tem vindo a revelar.

Cho and Newhouse (2013: 33) consideram a existência de três fatores que podem justificar diferentes efeitos para diferentes grupos de trabalhadores: a segregação no mercado de trabalho, a oferta de trabalho (já acima abordados) e a perceção das empresas relativamente à produtividade e integração de certos trabalhadores. Uma vez que esta crise tem características muito diferentes de crises passadas e que os efeitos sobre o mercado de trabalho, previstos na literatura, têm sentidos contraditórios.

Justifica-se a necessidade de abordar empiricamente os efeitos da crise sobre o mercado de trabalho, com a preocupação de atender às variáveis acima explicitadas. Esta necessidade é particularmente importante para informar as escolhas políticas mais adequadas para combater o desemprego, uma vez que países como Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda, desde do início da recessão em 2008, só recentemente começaram a apresentar uma ligeira recuperação. De facto, nestes países o ponto mais baixo na taxa de emprego, depois de 2008, parece só ter ocorrido muito recentemente, diversamente do que aconteceu nos restantes países da área euro onde tal se verificou no segundo trimestre de 2012 (CE, 2012: 66-68).

Entre os estudos empíricos mais recentes sobre o tema, Cho and Newhouse (2013) reveste particular interesse, ao propor um método de análise adequado à identificação de efeitos para diferentes grupos da população. A análise feita incide sobre 17 países de rendimento médio que foram significativamente afetados pela crise e o seu principal objetivo é precisamente medir os impactos das perturbações dos mercados de trabalho para diferentes grupos de trabalhadores. Para isso analisa-se o comportamento do emprego, desemprego e inatividade, repartição do emprego por setores de atividade, taxas de assalariamento e de trabalho por conta própria. Por forma a medir os impactos para os diversos grupos são

comparados os valores daquelas taxas para o período pré-crise (2007-2008) e o período pós-crise (2009).

A metodologia utilizada divide os trabalhadores com base no sexo, idade, educação e local de residência. A cada um dos critérios de análise correspondem então duas categorias: Homens/mulheres, jovens/adultos, baixa escolaridade/escolaridade elevada, rural/urbano. Consideram-se jovens os indivíduos com idades compreendidas entre 15 e 24 anos e adultos os que têm entre 25 e 64 anos. O nível mais baixo de educação agrega indivíduos que completaram até ao 3º ciclo de escolaridade e o nível mais alto um grau escolar igual ou superior ao ensino secundário.

De entre as conclusões cruciais obtidas, destaca-se a de que jovens, mulheres e trabalhadores menos qualificados enfrentaram as maiores dificuldades no acesso ao emprego, no entanto, a intensidade dessas dificuldades foi distinta. Jovens trabalhadores constituem o grupo com mais dificuldades no mercado de trabalho no período pós-crise. As mulheres constituem um grupo crítico, mas ao contrário do que aconteceu nas crises passadas, em que homens e mulheres foram igualmente afetados, nesta os homens apresentaram maiores perdas de emprego. Indivíduos menos qualificados apresentam um comportamento similar ao das crises passadas, já os mais qualificados só nesta crise é que sofreram decréscimos significativos no emprego.

A metodologia de Cho and Newhouse (2013) pode ser muito esclarecedora quando aplicada a países que enfrentam a crise da dívida soberana. Assim, este trabalho de projeto propõe-se a adota-la, adaptando a sua aplicação aos países europeus mais afetados pela crise da dívida soberana. Algumas conclusões deste estudo podem ser coincidentes com as do estudo realizado por estes autores, no entanto a magnitude dos efeitos da crise da dívida soberana sobre certos grupos pode ser divergente uma vez que se trata de países desenvolvidos, pertencentes a uma zona monetária comum e com políticas económicas e financeiras distintas dos países analisados naquele estudo.

Antes, porém, de apresentar o trabalho desenvolvido, considera-se útil sumariar algumas conclusões disponíveis na literatura consultada sobre os efeitos da presente crise nos mercados de trabalho da União Europeia: (1) A crise da dívida soberana tem originado dificuldades no mercado de trabalho para os homens e para as mulheres; (2) Os efeitos desta crise no mercado de trabalho revelaram-se mais marcados para os homens nos inícios da crise, enquanto as mulheres têm estado a ser mais afetadas com o desenrolar desta e com o

aumento da contenção dos orçamentos públicos; (3) Os grupos mais vulneráveis no mercado de trabalho envolvem essencialmente jovens candidatos a emprego, mulheres e trabalhadores não qualificados; (4) A taxa de decréscimo do emprego tem sido mais expressiva para os jovens e as mulheres; (5) Tem-se verificado um aumento da inatividade das mulheres; e (6) Países como Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda são aqueles que mais têm vivenciado efeitos nocivos ao nível do mercado de trabalho, em virtude da crise da dívida soberana.

3. Dados e Metodologia

A presente secção encontra-se organizada em duas subsecções. Na primeira encontram-se descritos os dados utilizados, englobando a fonte dos dados, a descrição das características da população e respetivas limitações. Na segunda apresenta-se a metodologia, detalhada em duas partes, uma relativa à metodologia utilizada para a análise da evolução geral dos mercados de trabalho dos países analisados e outra que possibilita a comparação dos impactos da crise da dívida soberana por grupos de população.

3.1. Construção da amostra

Para estudar os efeitos da crise sobre o emprego dos diferentes grupos da população, foram recolhidos dados do Inquérito ao Emprego do EUROSTAT¹, referentes aos anos de 2004 até 2012. A análise envolve 4 países: Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda e compara o período pré-crise (2004-2008) com o período pós-crise (2008-2012).

Numa primeira fase foram recolhidos dados sobre as taxas de emprego, de desemprego e da inatividade relativos ao total da população, considerando indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e 64 anos de idade. Foram também recolhidos dados para as taxas de emprego de diferentes tipos de trabalhadores (assalariados ou por conta própria) e a repartição do emprego pelos diversos setores de atividade económica.

A segunda fase da análise considera dados desagregados para homens e mulheres sobre as taxas de emprego, de desemprego, de inatividade e de atividade, abrangendo indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos de idade. A consideração deste intervalo de idades da amostra prende-se com o facto de o EUROSTAT recolher informação para indivíduos com idade igual ou superior a 15 anos e a idade de 64 anos

¹ O inquérito ao emprego do EUROSTAT é realizado trimestralmente sendo que são realizados aproximadamente 1,8 milhões de inquéritos para 33 países, nomeadamente para os 28 Estados-Membros da UE e para a Islândia, Noruega, Suíça, antiga República Jugoslava da Macedónia e Turquia, de forma a obter informação para mais de 100 variáveis.

corresponder, de forma aproximada, à idade média de reforma em 2012 para os países considerados.

Selecionaram-se também dados desagregados para jovens e adultos. Consideraram-se jovens os indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e 24 anos, e adultos, os indivíduos com idades dos 25 aos 64 anos.

Por fim, reuniu-se a mesma informação para indivíduos com baixa escolaridade e escolaridade elevada tendo em conta a classificação ISCED^{2,3} 1997. Consideram-se indivíduos com baixa escolaridade os que possuem a classificação ISCED 3-4, ou seja que detêm o ensino secundário completo (ISCED 3) ou que usufruem de uma formação não superior pós-secundário (ISCED 4). Já por indivíduos com escolaridade elevada consideram-se aqueles que possuem a classificação ISCED 5-6, ou seja, que tenham obtido um grau de educação equivalente a bacharelato, licenciatura ou mestrado (ISCED 5) ou que possuam formação superior avançada como, por exemplo, doutoramento (ISCED 6).

A base de dados do inquérito ao emprego do EUROSTAT não publica dados desagregados para homens jovens com escolaridade elevada para Portugal no período de 2004 a 2010 e para a Irlanda no período entre 2004 e 2007 por insuficiência de dados e de fiabilidade. Para superar a limitação daqui recorrente nas estimações realizadas, assumiram-se taxas para este grupo de homens iguais às verificadas para as mulheres. Este procedimento justifica-se pelo facto de nos últimos anos não se verificarem discrepâncias significativas nas médias de emprego de homens e mulheres jovens com escolaridade elevada.

Tendo em conta as considerações acima referidas, a base de dados final consiste em observações anuais para 4 países referentes ao período de 2004 a 2012, perfazendo um total de 1132 observações⁴.

3.2. Metodologia

Esta subsecção pretende apresentar o método a utilizar para a análise dos impactos da crise da dívida soberana nos diferentes mercados de trabalho e em diferentes grupos da população.

² ISCED é o acrónimo de *International Standard Classification of Education*, como sendo a classificação desenvolvida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), para uniformizar ao nível global o tratamento de estatísticas relativas à educação.

³ O ISCED 1997 compila a classificação mais atualizada para a educação, tendo sido aprovada na 29ª Conferência Geral da UNESCO, em Novembro de 1997.

⁴ A base de dados foi cuidadosamente tratada e organizada em *Excel*.

3.2.1. Análise da Evolução Geral dos Mercados de Trabalho

Começa-se por uma análise da evolução geral dos mercados de trabalho porque esta é crucial para entender a forma como a influenciou os principais indicadores. Analisam-se assim indicadores relativos ao conjunto da população (taxa de emprego, taxa de desemprego e taxa de inatividade) e a sua evolução desde o período pré-crise até ao período pós-crise. Num estudo mais específico a análise foca-se depois no comportamento da taxa de desemprego, das taxas de emprego de diferentes tipos de trabalhadores (assalariados ou por conta própria) e na repartição do emprego nos diversos setores de atividade económica.

Para especificar a magnitude da crise nos diferentes países, mediu-se a desaceleração ocorrida na evolução do PIB. Para isso, utilizou-se o PIB a preços de mercado em índice de base 100 em 2005 para calcular a taxa do crescimento do PIB⁵ para o período pré-crise (2004-2008) e para o período pós-crise (2008-2012). Para obter a intensidade da desaceleração do crescimento do PIB subtraíram-se as respetivas taxas de crescimento do PIB do período pré-crise para o período pós-crise. Este cálculo permite obter a diminuição do PIB em pontos percentuais nos períodos acima descritos, que afere a severidade da crise nos diferentes países.

Os ajustamentos do emprego, desemprego e inatividade para o total da população e para diferentes tipos de trabalhadores e em diversos setores, são obtidos através da diferença entre a taxa de crescimento do indicador no período pós-crise e a taxa de crescimento no período pré-crise.

3.2.2. Comparação dos Impactos da Crise por Grupos da População

Entender a magnitude dos efeitos da crise da dívida soberana sobre o emprego e a atividade requer a compreensão dos impactos desta sobre vários grupos da população, partindo do pressuposto de que diferentes grupos de trabalhadores vivenciam efeitos distintos. Para isso consideram-se três características para os trabalhadores: o sexo, a idade e a educação.

Numa primeira fase, a análise foca-se na alteração do comportamento de cada indicador do mercado de trabalho do período pré-crise para o período pós-crise e para cada

⁵A taxa de crescimento do PIB é obtida pela seguinte equação: $PIB_t = \left(\frac{PIB_t}{PIB_{t-4}} - 1\right) * 100$, em que t representa o último ano de cada subperíodo considerado e t-4 o primeiro ano de cada subperíodo.

grupo de trabalhadores em cada país. Desta análise resulta a variação média do indicador considerado para cada país e grupo sendo que esta variação nos permite aferir acerca dos grupos mais afetados com a crise. A intensidade do impacto sofrido por cada grupo torna-se mais evidente quando o indicador para cada grupo se compara com a variação média do mesmo indicador para o total dos grupos da população⁶ no país em causa.

O método de cálculo desta variação está ilustrado abaixo, para o indicador taxa de emprego dos trabalhadores jovens do sexo e com baixa escolaridade em Portugal.

Tabela 1. Variação média entre o período pós-crise e pré-crise⁷ da taxa de emprego dos trabalhadores jovens do sexo masculino com baixa escolaridade em Portugal.

Indicador	Taxa de Emprego					Diferença Percentual anual em pontos percentuais (em p.p.)				Média dos resultados no período pré-crise (em p.p.)	Média dos resultados no período pós-crise (em p.p.)		
	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008				
Características dos trabalhadores	<i>Homens jovens com baixa escolaridade</i>									0,7	-5,8		
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008				
Pré crise	86,3	87,5	85,0	87,9	89,1	1,2	-2,5	3,0	1,2				
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012				
Pós Crise	89,1	83,1	80,6	75,8	65,8	-6,0	-2,5	-4,8	-10,0	Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise			
										-6,5			
										Média ponderada entre os resultados do período pós-crise e pré-crise para todos os grupos da população		-1,5	

Fonte: EUROSTAT. Construção da autora.

A diferença anual é obtida subtraindo a taxa de emprego num dado ano pela do ano anterior, sendo posteriormente calculada uma média para os resultados obtidos no período pré-crise e para os valores e outra para os obtidos para o período pós-crise. A variação média entre os resultados destes dois períodos é obtida subtraindo a média dos resultados no período pós e pré-crise.

Neste exemplo constata-se uma tendência de crescimento da taxa de emprego dos homens jovens com baixa escolaridade no período de 2005 a 2008 e uma tendência de decréscimo dessa mesma taxa no período de 2009 a 2012, o que resulta numa diminuição do período pré-crise para o período pós-crise de 6,5 pontos percentuais. Já para o total dos

⁶ A variação média total de cada indicador entre os dois períodos para todos os grupos da população é obtida através da média ponderada entre as variações médias obtidas para cada grupo.

⁷ Os cálculos para os restantes grupos encontram-se exemplificados em anexo, apenas para Portugal, uma vez que o método é idêntico para os restantes países.

grupos de trabalhadores considerados, o indicador relativo à taxa de emprego agravou-se em 1,5 pontos percentuais.

Através dos resultados obtidos pela metodologia anteriormente descrita é possível estimar-se uma regressão para cada país e indicador do mercado de trabalho (taxa de emprego, desemprego e inatividade) usando variáveis *dummy* para as três características dos trabalhadores consideradas, o que permite comparar os impactos da crise entre grupos. Cada regressão contém 8 observações (dois grupos em cada categoria de sexo, idade e escolaridade) e cada uma permite obter coeficientes que medem o impacto da crise na tendência de cada um dos indicadores do mercado de trabalho, para cada grupo de trabalhadores, sendo que em cada regressão se isola o efeito sobre o indicador em estudo de cada uma das características consideradas, enquanto as restantes permanecem constantes⁸.

Tem-se então, para cada país, a equação:

$$\Delta Y_{i,t} = \alpha + \beta_{1,t}Men_i + \beta_{2,t}Age_i + \beta_{3,t}Educ_i + v_{i,t} \quad (1)$$

Sendo que $\Delta Y_{i,t}$ representa a variação média do indicador considerado para a dimensão/combinção de características (i), sendo aquela variação obtida através: $\Delta Y_{i,t} = Y_{i,t} - Y_{i,t-1}$, sendo t o período pós-crise (2008-2012) e $t-1$ o período pré-crise (2004-2008).

Para estimar a forma como a crise da dívida soberana veio alterar a relação entre as características dos trabalhadores e a tendência de evolução dos vários indicadores do mercado de trabalho estimou-se a equação seguinte para cada país, fazendo uma pool dos períodos considerados:

$$\Delta Y_i = \tilde{\alpha} + \tilde{\beta}_1 Men_i + \tilde{\beta}_2 Age_i + \tilde{\beta}_3 Educ_i + I(Crisis = 1) \times (\gamma_1 Men_i + \gamma_2 Age_i + \gamma_3 Educ_i) + \tilde{v}_i \quad (2)$$

onde $I(Crisis = 1)$ indica o período pós-crise ($t \geq 2009$) e γ representa a alteração da relação entre as características dos trabalhadores e o indicador em análise.

Dada a linearidade das equações supra explicitadas, estimar os γ na equação 2 equivale a:

$$\tilde{Y}_i = \gamma_0 + \gamma_1 Men_i + \gamma_2 Age_i + \gamma_3 Educ_i + \tilde{v}_i \quad (3)$$

onde $Y_i = (\Delta \tilde{Y}_i | Crisis = 1) - (\Delta \tilde{Y}_i | Crisis = 0)$.

⁸ Por exemplo, o aumento no coeficiente relativo ao desemprego jovem não pode ser atribuído ao maior nível médio de educação que caracteriza esta faixa etária.

Assim, o objetivo de estimar cada γ passa por capturar os diferentes impactos da crise entre grupos; por exemplo, o sinal e a magnitude de cada coeficiente indicam a vulnerabilidade de cada grupo quando comparado com a sua contraparte (homens *versus* mulheres; jovens *versus* adultos; baixo nível de escolaridade *versus* elevado), expurgado da influência das restantes variáveis.

A estimação⁹ de modelos com variáveis independentes binárias é possível através do método dos mínimos quadrados ordinários (OLS), que estima a seguinte equação:

$$\tilde{Y}_i = \gamma_0 + \gamma_1 Men_i + \gamma_2 Young_i + \gamma_3 LowEducation_i + \tilde{v}_i \quad (4)$$

Tratando-se de variáveis *dummy* é importante especificar: a variável “*Men*” que assume o valor 1 caso se trate de homens e 0 caso contrário; a variável “*Young*” que assume o valor 1 para jovens e 0 caso contrário; e a variável “*LowEducation*” que assume o valor 1 para indivíduos com baixa escolaridade e o valor 0 caso contrário.

A estimação foi realizada para os quatro países considerados e para os três indicadores em estudo, o que perfaz um total de 12 regressões realizadas. Para todas as regressões foram efetuados testes relativos à especificação do modelo (teste de especificação RESET), à significância global (análise ANOVA), à heterocedasticidade (teste Breusch-Pagan), à normalidade dos resíduos e à colineariedade (teste de VIF). Verificou-se para todas as estimações a boa especificação do modelo, a significância do mesmo, ausência de heterocedasticidade, a distribuição normal dos resíduos e a ausência de problemas de colineariedade.

4. Análise e Discussão de Resultados

Esta secção contempla a análise e discussão dos principais resultados obtidos.

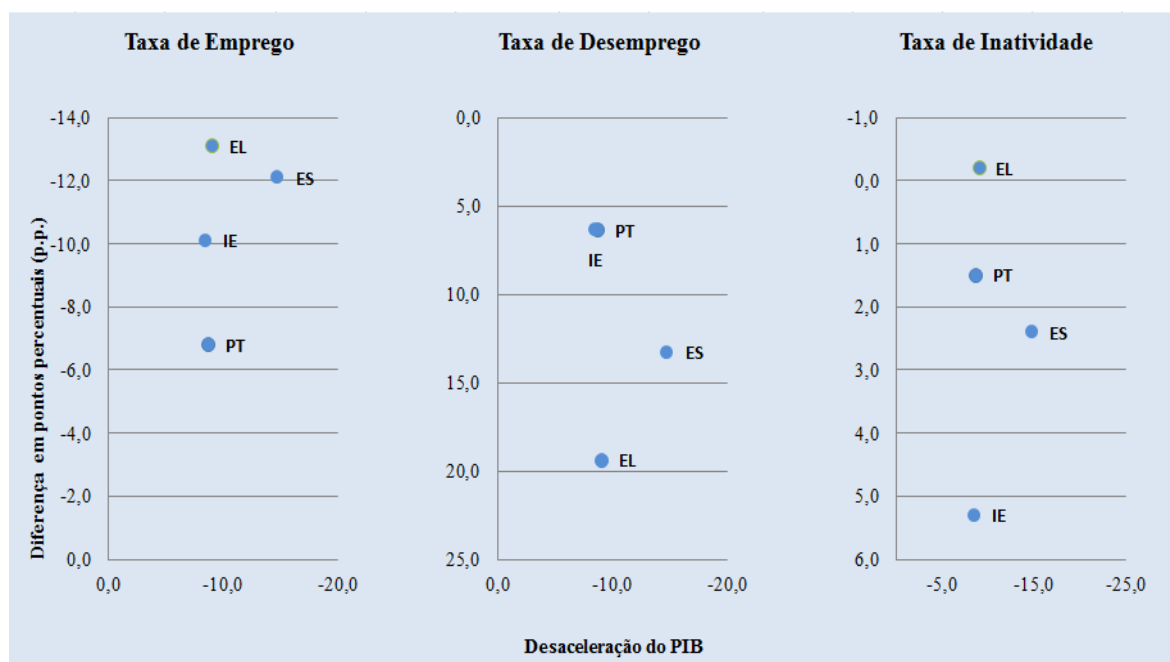
4.1. Análise da Evolução Geral dos Mercados de Trabalho

O estudo focou-se sobre os quatro países mais expostos à crise da dívida soberana, que se destacam também pela magnitude dos efeitos vividos ao nível do mercado de trabalho.

⁹ Para o estudo econométrico utilizou-se o software GRETL (versão 1.9.14), acrónimo de Gnu Regression, Econometrics and Time-series Library.

Na figura 1 encontram-se ilustrados os ajustamentos das taxas de emprego, desemprego e inatividade para o total da população em contexto de crise. O eixo vertical especifica a diminuição percentual das diferentes taxas ocorrida desde o período pré-crise até ao período pós-crise e o eixo horizontal representa a desaceleração do PIB entre os mesmos períodos.

Figura 1. Ajustamentos das taxas de emprego, desemprego e inatividade para o total da população (2004/08-2008/2012).



Fonte: EUROSTAT. Construção da autora.

Em Portugal, a quebra do PIB desde o período pré-crise até ao período pós-crise, em 8,7 pontos percentuais, despoletou uma diminuição em aproximadamente 6,8 pontos percentuais na taxa de emprego e um aumento de 6,4 pontos percentuais na taxa de desemprego. Isto traduz as consequências de um fraco crescimento económico e de gastos públicos pouco ponderados, especialmente no setor dos transportes (mas não só), no período antecedente à crise, o que implicou a acumulação de dívida pública que se tornou difícil de sustentar. Assim, os governos foram forçados a implementar medidas de contração nos gastos públicos, o que implicou contenção de salários e despedimentos no setor público. Com o rebentar da crise financeira global, o financiamento da dívida pública tornou-se insustentável, obrigando Portugal em 2011, a socorrer-se do programa de assistência da “Troika” (Fundo monetário internacional, Comissão Europeia e Banco Central Europeu), tendo sido implementadas medidas de austeridade adicionais. Em consequência disso assistiu-se a um aumento na taxa de desemprego de 13,4 % (2011) para 16,4% (2012).

Quanto à taxa de inatividade registou-se um crescimento de 1,5 pontos percentuais, o que reflete um desencorajamento por parte da população desempregada em estar no mercado de trabalho e sobretudo incentivar o fenómeno de emigração vivido nestes últimos anos. Segundo o *Migration Outlook 2012* da OCDE terão emigrado, em 2011, cerca de 70 mil portugueses.

Espanha caracteriza-se como sendo um país que sempre deteve altas taxas de desemprego quando comparada com os restantes países da zona euro. Com o rebentar da crise imobiliária, a dívida pública e privada atingiu proporções astronómicas. Segundo o Banco de Pagamentos Internacionais, do empréstimo de 109 milhões de euros, concedido pela banca alemã à banca espanhola em 2011, foi investido, não no setor produtivo do país, mas sim em aplicações mais especulativas. Assim, de forma a financiar esta dívida, políticas de austeridade foram implementadas, despoletando cortes no setor público e baixa de salários, o que implicou vários despedimentos e diminuição do emprego. Assim entre 2004 e 2012, com a desaceleração do PIB em 14,7 pontos percentuais, a taxa de emprego diminuiu em 12,1 pontos percentuais e a taxa de desemprego aumentou em 13,3 pontos percentuais. Segundo o INE espanhol, ocorreu uma redução de mais de 390 mil postos de trabalho (cerca de 380 mil no setor público e de 10 mil no setor privado) nos anos 2011 e 2012.

O aumento em 2,4 pontos percentuais da taxa de inatividade traduz o fenómeno de desencorajamento por parte da população desempregada em estar no mercado de trabalho e eventualmente estimula a saída de população ativa para o estrangeiro.

O panorama da crise da dívida soberana na Grécia é o mais alarmante da zona euro como resultado de um acumular de dívida pública, ao longo dos últimos anos, que se revelou insustentável. Tal como veio a acontecer em Portugal, a “Troika”, em 2010, foi forçada a intervir de forma a financiar a dívida grega e evitar uma situação de bancarrota no país. O acordo entre as instituições da “Troika” e o governo grego contemplou várias medidas de cortes no orçamento público e um aumento violento dos impostos. Assim, as repercussões no mercado de trabalho foram brutais. Segundo o portal europeu da mobilidade profissional (EURES), a taxa de desemprego grega aumentou a um ritmo vertiginoso, como é observável através dos dados do Inquérito ao Emprego do EUROSTAT, sendo que a taxa de desemprego passou de 12,7% (2010) para 24,5% (2012).

Na figura 1 constata-se que, com o agravamento do PIB em 9,0 pontos percentuais, registou-se uma diminuição em cerca de 13,1 pontos percentuais na taxa de emprego e um aumento da taxa de desemprego em 19,4 pontos percentuais entre o período pré e pós-crise.

Diversamente do que aconteceu nos restantes três países, a taxa de inatividade diminuiu em 0,2 pontos percentuais, que pode em parte ser explicado pela necessidade de indivíduos inativos voltarem ao mercado de trabalho. Tendo em conta a baixa participação feminina no mercado de trabalho grego, a crise pode ter despoletado um efeito “*added worker*” numa parte da população feminina. Os dados obtidos através do Inquérito ao Emprego do EUROSTAT registam um aumento da taxa de atividade feminina de 55,1% (2008) para 58,4% (2012).

A Irlanda mergulhou na crise da dívida soberana graças a uma bolha imobiliária semelhante à dos Estados Unidos da América. Paul Krugman (2010) aponta como principais causas: a irracionalidade vivida pelos compradores e financiadores de imóveis que acreditavam que o preço destes continuaria a subir; a existência de um grande fluxo de capital barato por parte da Alemanha; e a insuficiente aversão ao risco por parte dos bancos.

Com o rebentar da bolha imobiliária, os maiores bancos privados irlandeses tornaram-se insolventes obrigando à intervenção do Estado e a dívida irlandesa atingiu níveis sem precedentes, conduzindo rapidamente a taxas de desemprego elevadas. Na figura 1, com o agravamento do PIB em 8,5 pontos percentuais, observa-se que desde 2004 até 2012, a Irlanda apresentou um decréscimo de 10,1 pontos percentuais na taxa de emprego e um aumento de 6,4 pontos percentuais na taxa de desemprego.

A taxa de inatividade apresentou um crescimento de 5,3 pontos percentuais, reflectindo-se no fluxo migratório vivido desde de 2009. Segundo o relatório Migration Outlook 2012 da OCDE registou-se um fluxo de saída de 40 mil irlandeses só no primeiro trimestre de 2011.

Esta breve análise permite entender a severidade da crise nos países considerados e, como resultado disso, os ajustamentos das principais variáveis do mercado de trabalho desde o período pré-crise até ao período pós-crise. A desaceleração do PIB é a medida que evidencia tal magnitude sendo que a Grécia se destaca pela intensidade da crise apresentando um decréscimo do PIB em 14,7 pontos percentuais. Já Portugal, Espanha e Irlanda, apesar de apresentarem valores semelhantes para a desaceleração do PIB (aproximadamente um

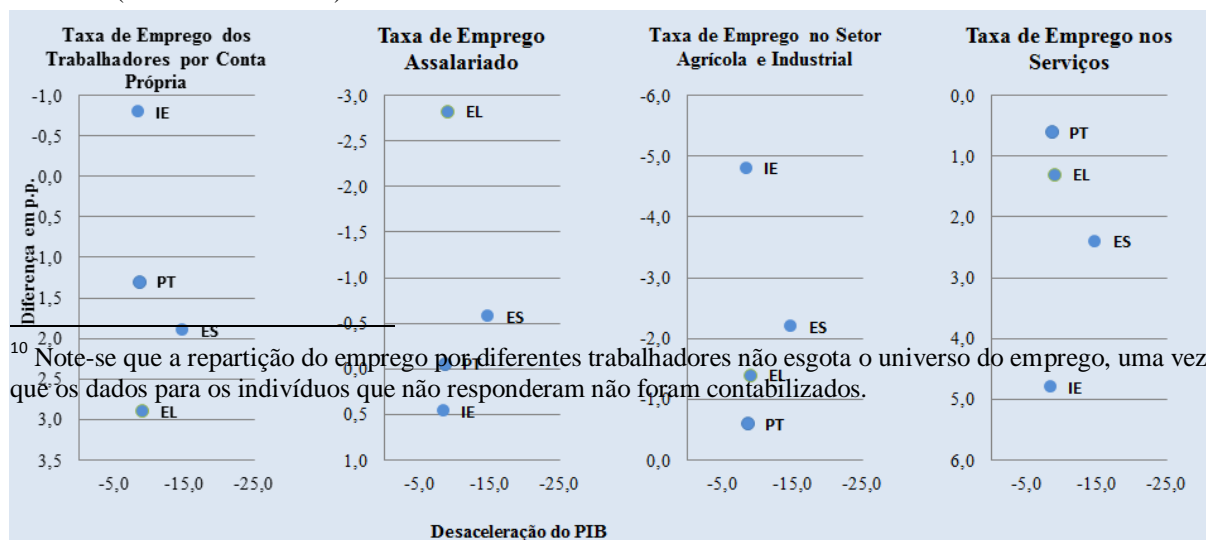
decréscimo em 9 pontos percentuais), apresentam decréscimos diferentes nas taxas de emprego, desemprego e inatividade.

Portugal e Irlanda apresentam decréscimos comparativamente menores nas taxas de emprego e correspondentes aumentos menores de taxa de desemprego. Contudo o aumento da taxa de inatividade na Irlanda é mais de quatro vezes superior ao registado em Portugal.

Espanha e Grécia evidenciam os maiores decréscimos nas taxas de emprego, e subsequentemente maior crescimento nas taxas de desemprego. No entanto, a taxa de inatividade nestes países assume um comportamento divergente, sendo que o aumento desta em Espanha reflete a falta de oportunidades no mercado de trabalho e um efeito de desencorajamento dos trabalhadores em permanecer no mercado de trabalho do país, e o aumento da mesma na Grécia parece refletir a necessidade da população inativa feminina reingressar no mercado de trabalho para fazer frente à crise nos seus orçamentos familiares.

O crescimento da taxa de desemprego, só por si, não permite aperceber que tipo de trabalhadores e em que setores se registaram os maiores fluxos de perda de emprego. Assim, na figura abaixo ilustra-se o ajustamento da repartição do emprego para diferentes tipos de trabalhadores¹⁰ (assalariados e por conta própria) e para diferentes setores de atividade (o setor agrícola e industrial, por um lado e os serviços, por outro). O eixo vertical especifica a diminuição dos diferentes pesos ocorrida desde o período pré-crise até ao período pós-crise e o eixo horizontal representa a desaceleração do PIB para os mesmos períodos.

Figura 2. Ajustamento das taxas de emprego para diferentes tipos de trabalhadores e para diferentes setores de atividade (2004/08-2008/2012).



Fonte: EUROSTAT. Construção da autora.

Na figura 2 pode-se constatar que o crescimento da taxa de desemprego em Portugal de 6,4 pontos percentuais andou associado ao decréscimo em 0,6 pontos percentuais do peso relativo do emprego nos setores agrícola e industrial e correspondente aumento nos serviços. Isto, apesar de em termos absolutos se ter registado diminuições de emprego nestes setores.

Em Espanha, o aumento de 13,3 pontos percentuais na taxa de desemprego ocorreu a par de um decréscimo em 2,2 pontos percentuais na parcela do emprego nos setores agrícola e industrial.

Nestes dois países, não ocorreram grandes alterações na divisão relativa entre trabalho assalariado e por conta própria.

A Grécia apresenta um aumento na taxa de desemprego de 19,4 pontos percentuais e um decréscimo em 1,4 pontos percentuais do peso do emprego nos setores agrícola e industrial a par com uma diminuição do peso dos trabalhadores assalariados no emprego total em 2,8 pontos percentuais.

Na Irlanda observa-se que o aumento da taxa de desemprego em 6,4 pontos percentuais foi acompanhado por uma ligeira diminuição do peso dos trabalhadores por conta própria no emprego total em 0,8 pontos percentuais e pela maior diminuição relativa em 4,8 pontos percentuais no peso do emprego no setor agrícola e industrial de entre os quatro países.

A observação de que o aumento do desemprego andou associado à diminuição relativa do emprego no setor agrícola e industrial, revela em parte um dos efeitos da crise da dívida soberana: a indústria e eventualmente a agricultura revelaram-se mais vulneráveis no que respeita ao emprego face à crise do que os serviços, em geral.

4.2. Comparação dos Impactos da Crise por Grupos da População

A observação das variações médias das taxas de emprego, desemprego e inatividade para os diferentes grupos nos quatro países considerados permitiu aferir resultados acerca dos grupos mais afetados pelos efeitos da crise.

Na tabela abaixo encontram-se sintetizados os valores das variações médias de cada indicador para os grupos considerados e para o total da população.

Tabela 2. Quadro síntese das variações médias entre os resultados do período pós-crise e pré-crise para os indicadores considerados para os diferentes grupos observados neste estudo.

	GRUPOS	M_Y_LE	W_Y_LE	M_Y_HE	W_Y_HE	M_O_LE	W_O_LE	M_O_HE	W_O_HE	Varição para o total dos grupos
<i>Varição média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise</i>	País/Indicador	Taxa de Emprego								
	Portugal	-6,5	-2,7	2,5	-0,1	-1,6	-1,7	-1,7	-0,1	-1,5
	Espanha	-9,2	-6,6	-7,3	-7,7	-2,8	-3,6	-2,1	-2,8	-5,3
	Grécia	-8,3	-11	-3,5	-10,6	-4,5	-5,4	-2,5	-3,9	-6,2
	Irlanda	-3,7	-0,8	-2,2	-3,2	-2,5	-1,6	-0,8	-0,8	-2,0
	País/Indicador	Taxa de Desemprego								
	Portugal	6,2	4,9	-	2,2	1,6	1,7	1,7	0,1	-
	Espanha	9,2	6,6	7,2	7,7	2,8	3,6	2,1	2,8	5,2
	Grécia	8,4	11,0	3,6	10,5	4,5	5,5	2,5	3,9	6,2
	Irlanda	3,7	3,2	-	2,0	2,5	1,8	0,8	0,8	-
	País/Indicador	Taxa de Inatividade								
	Portugal	0,2	0,1	-0,2	4,0	0,3	-0,9	0,9	-0,4	0,5
	Espanha	5,1	3,3	1,2	0,9	0,2	0,3	0,1	-0,3	1,4
	Grécia	-3,0	-3,7	-0,9	-1,5	0,2	-0,7	0,4	0,4	-1,1
	Irlanda	5,0	4,3	3,9	1,8	0,9	0,6	0,5	0,4	2,2

Notas: Deve-se ler M como homens, W como mulheres, Y como jovens, O como adultos, LE como baixa escolaridade e HE como escolaridade elevada, por exemplo, M_Y_LE representa o grupo dos homens jovens com baixa escolaridade.

Fonte: EUROSTAT. Construção da autora.

O agravamento da taxa de emprego foi mais expressivo para os trabalhadores espanhóis, irlandeses e gregos do que portugueses. No entanto o agravamento da taxa de desemprego aparenta ser mais marcado para os trabalhadores gregos. A explicação de que o agravamento da taxa de emprego não acompanha a deterioração da taxa de desemprego pode passar pela análise da taxa de inatividade, uma vez que esta aumentou consideravelmente em Espanha e na Irlanda (1,4 e 2,0 pontos percentuais) desde o período pré-crise até ao período pós-crise.

Os dados sobre Espanha e Irlanda relativos às variações médias da taxa de emprego e da inatividade para os diferentes grupos comprovam isso mesmo, ou seja, nos grupos em que se observa o maior agravamento do emprego, como é o caso dos trabalhadores jovens, em geral a taxa de inatividade aumenta.

O aumento da taxa de inatividade para os jovens pode andar associado à procura de novas qualificações para fazer face à adversidade da realidade do mercado de trabalho, especialmente se estes possuírem uma baixa escolaridade. Já no grupo das mulheres adultas com baixa escolaridade, este fenómeno pode traduzir um desencorajamento destas em procurar emprego.

Relativamente, à Grécia os dados evidenciam uma realidade distinta, comparativamente

Variável dependente/ Variáveis independentes	Variação da taxa de emprego entre o período pré-crise e o período pós-crise
-------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------

aos outros países em estudo, uma vez que se assiste a um aumento da taxa de atividade em geral e em particular para os grupos de trabalhadores pertencentes à faixa etária dos 15-24 anos e para as mulheres adultas com baixa escolaridade. Se, no caso das mulheres, sobretudo das “adultas”, isto pode sugerir um efeito “*added worker*”, já no caso dos trabalhadores jovens com baixa escolaridade, os aumentos da taxa de atividade são surpreendentes e difíceis de explicar. Esta realidade merece ser analisada com um grau de detalhe que não cabe neste trabalho.

Nesta análise é perceptível a vulnerabilidade dos jovens no mercado de trabalho nestes países, sendo estes os mais afetados pelo desemprego. Porém, o nível de escolaridade parece não ser uma característica muito relevante para explicar um agravamento maior ou menor do desemprego destes indivíduos. No entanto o estudo da vulnerabilidade entre os grupos é mais claro, quando se isola cada uma das características consideradas e se avalia o efeito de apenas uma delas mantendo-se as restantes. Para isso, a estimação dos coeficientes associados a cada *dummy* é essencial. A tabela abaixo apresenta os valores para os coeficientes estimados para a variável taxa de emprego nos diferentes países entre o período pré-crise e o período pós-crise.

Tabela 3. Representação dos coeficientes correspondentes à regressão realizada para cada país relativamente ao agravamento da taxa de emprego.

	Portugal	Espanha	Grécia	Irlanda
Constante	0,7 (1,7221)	-2,45** (0,709313)	-4,5** (1,23971)	-0,875 (0,83479)
Men (d=1)	-0,675 (1,7221)	-0,175 (0,709313)	3,025* (1,23971)	-0,7 (0,83479)
Young (d=1)	-0,425 (1,7221)	-4,875*** (0,709313)	-4,275** (1,23971)	-1,05 (0,83479)
LowEducation (d=1)	-3,275 (1,7221)	-0,575* (0,709313)	2,175 (1,23971)	-0,4 (0,83479)
R²	0,489222	0,809259	0,839509	0,386013

Notas: Os asteriscos “*”, “**” e “***” indicam significância estatística ao nível de 10%, 5% e 1%, respetivamente. Os valores que estão apresentados entre parênteses correspondem aos erros padrão.

Fonte: Construção da autora.

Da análise dos coeficientes de cada modelo, resultante da estimação da equação (4), constata-se que o facto de ser jovem surge como principal fator que produz efeitos penalizadores na evolução da taxa de emprego. Ou seja, em Espanha e na Grécia o facto de ser jovem produz um pronunciado efeito de agravamento na evolução da taxa de emprego, em 4,875 e 4,275 pontos percentuais, respetivamente. Já em Portugal e na Irlanda, apesar dos coeficientes relativos aos jovens não apresentarem significância estatística, o sinal do coeficiente também indicia que se trata de um fator penalizador (0,425 e 1,05 pontos percentuais, respetivamente).

A baixa educação também tende a surgir como um fator penalizador da evolução da taxa de emprego em todos os países com exceção da Grécia. Em Espanha este fator apresenta significância estatística, apresentando um agravamento em 0,575 pontos percentuais na taxa de emprego. Em Portugal e Irlanda, apesar de não apresentar significância estatística, o sinal negativo do coeficiente indicia o mesmo efeito.

Na Grécia realça-se o facto de ser mulher penaliza a evolução da taxa de emprego, levando a um agravamento em 3,025 pontos percentuais.

Posto isto, pode concluir-se que a juventude e a baixa escolaridade conduziram a um agravamento adicional da taxa de emprego em período de crise.

O R² refere-se à capacidade do modelo conseguir explicar a variável dependente, sendo que quanto maior for o R² mais explicativo é modelo e melhor se ajusta à amostra considerada. Os R² de 48,9%, 80,9%, 84% e 38,6% para os modelos estimados para Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda, respetivamente, evidencia que as variáveis independentes utilizadas na estimação realizada para a Espanha e para a Grécia explicam maioritariamente a variação do emprego entre o período pré-crise e o período pós-crise, já na estimação realizada

para Portugal e Irlanda o R^2 revela a existência de outras variáveis que possam explicar a variação deste indicador.

Para entender a magnitude dos efeitos da crise no desemprego nos diferentes grupos de trabalhadores e apurar os grupos mais vulneráveis a este fenómeno é necessária a interpretação dos coeficientes das variáveis *dummy* relativamente à variação da taxa de desemprego. Isto permite entender em qual dos grupos a taxa de desemprego teve um impacto mais profundo. Na tabela abaixo estão representados os coeficientes estimados.

Tabela 4. Representação dos coeficientes correspondentes à regressão realizada para cada país relativamente à variação da taxa de desemprego.

Notas: Os asteriscos “*”, “**” e “***” indicam significância estatística ao nível de 10%, 5% e 1%, respetivamente. Os valores que estão apresentados entre parênteses correspondem aos erros padrão.

Fonte: Construção da autora.

A estimação dos coeficientes revela que o facto de ser jovem provoca um aumento significativo na evolução da taxa de desemprego, sendo este particularmente pronunciado na

Variável dependente/ Variáveis independentes	Variação da taxa de desemprego entre o período pré-crise e o período pós-crise			
	Portugal	Espanha	Grécia	Irlanda
Constante	-0,1 (0,752496)	1,1 (0,853302)	2,575 (1,69245)	0,625** (0,156125)
Men (d=1)	0,7 (0,752496)	0,825 (0,853302)	-2,025 (1,69245)	0,475** (0,156125)
Young (d=1)	2,6** (0,752496)	5,525*** (0,853302)	5,225** (1,69245)	1,425*** (0,156125)
LowEducation (d=1)	2,05* (0,752496)	1,275 (0,853302)	3,175 (1,69245)	1,225*** (0,156125)
R²	0,834882	0,918519	0,783573	0,974704

Espanha e na Grécia (5,525 e 5,225 pontos percentuais, respetivamente) e um pouco mais fraco em Portugal e na Irlanda (2,6 e 1,425 pontos percentuais, respetivamente).

A baixa escolaridade evidencia-se também como um fator que tende a contribuir para o aumento da taxa de desemprego, uma vez que todos os coeficientes têm sinal positivo. Contudo só em Portugal e na Irlanda os valores apresentam significância estatística (2,05 e 1,225 pontos percentuais, respetivamente).

Só na Irlanda o facto de ser homem aparece claramente como uma fator agravante da evolução da taxa de desemprego.

Assim, esta estimação para a taxa de desemprego confirma, em termos gerais, as conclusões que obtivemos atrás relativamente à evolução da taxa de emprego. A única discrepância surge na significância estatística no que diz respeito ao indicador de sexo, que

permite afirmar que ser homem na Grécia favorece o emprego em tempos de crise e na Irlanda favorece o desemprego.

O R^2 de 83,4%, 91,9%, 78,4 % e 97,5% para os modelos estimados para Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda, evidenciam uma boa estimação destes modelos, ou seja as variáveis independentes utilizadas explicam a variação de desemprego entre o período pré-crise e o período pós-crise.

A variação da taxa de inatividade entre os períodos considerados pode refletir vários efeitos da crise, por exemplo, a transição de indivíduos inativos para a população ativa ou o desencorajamento de trabalhadores num determinado mercado de trabalho. Posto isto, a análise dos coeficientes das variáveis *dummy* permite observar de que modo estes efeitos se manifestam nos diferentes grupos.

Tabela 5. Representação dos coeficientes correspondentes à regressão realizada para cada país relativamente à variação da taxa de inatividade.

Notas: Os asteriscos “*”, “**” e “***” indicam significância estatística ao nível de 10%, 5% e 1%, respetivamente. Os valores que estão apresentados entre parênteses correspondem aos erros padrão.

Fonte: Construção da autora.

Da análise dos coeficientes correspondentes à variação da taxa de inatividade, verifica-se que o facto de ser jovem parece ser o fator que mais influencia a evolução da inatividade,

Variável dependente/ Variáveis independentes	Variação da taxa de inatividade entre o período pré-crise e o período pós-crise			
	Portugal	Espanha	Grécia	Irlanda
Constante	0,75 (1,16136)	-1,15 (0,774193)	0,1 (0,478278)	-0,725 (0,433734)
Men (d=1)	-0,4 (1,16136)	0,625 (0,774193)	0,75 (0,478278)	1,0* (0,433734)
Young (d=1)	1,05 (1,16136)	2,575** (0,774193)	-2,15** (0,478278)	3,35*** (0,433734)
LowEducation (d=1)	-1,15 (1,16136)	1,775* (0,774193)	-1,2* (0,478278)	1,25** (0,433734)
R^2	0,323935	0,809259	0,878647	0,948237

embora em sentidos diversos por país. Assim ser jovem favoreceu em Espanha e Irlanda em 2,575 e 3,35 pontos percentuais, respectivamente. O sentido da influência em Portugal é também positivo mas sem significado estatístico. Já na Grécia ser jovem surge como uma característica que favorece a atividade, uma vez que o coeficiente apresenta um valor negativo de -2,15 pontos percentuais.

O fator baixa escolaridade na Espanha e Irlanda influencia desfavoravelmente a taxa de atividade (em 1,775 e 1,25 pontos percentuais, respetivamente). Já em Portugal e Grécia, a relação é inversa sugerindo que a baixa educação favorece a evolução da taxa de atividade (em 1,15 e 1,2 pontos percentuais, respetivamente).

O facto de ser homem na Irlanda surge como significativo para explicar a evolução da inatividade, uma vez que o coeficiente revela significância estatística contribuindo para o aumento em 1 ponto percentual da taxa de inatividade.

O R^2 de 32,4%, 80,9%, 87,9 % e 94,8% para os modelos estimados para Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda, evidenciam uma boa estimação destes modelos para todos os países, com exceção do modelo para Portugal.

Em suma, a análise dos coeficientes das variáveis *dummy* em relação às variações da taxa de emprego, desemprego e inatividade para os países revelou:

- (1) Uma tendência da juventude e a baixa escolaridade, em geral, penalizar a evolução da taxa de emprego, assim como a tendência para o aumento da taxa de desemprego;
- (2) O agravamento pronunciado do desemprego em determinados grupos, como é o caso dos jovens espanhóis e irlandeses pode justificar a variação positiva da taxa de inatividade, indiciando o abandono do mercado de trabalho por parte dos indivíduos em causa. Tratando-se desta faixa etária isto pode significar um prolongamento da procura de educação para enfrentar as dificuldades.
- (3) O mercado de trabalho grego revela-se como sendo exceção, uma vez que a tendência e a explicação das variações da taxa de emprego, desemprego e inatividade se diferenciam das observadas nos outros países considerados.
- (4) As estimações feitas permitem concluir que a característica escolaridade é relevante para explicar as variações da taxa de emprego, desemprego e inatividade, diversamente do que se tinha concluído pela análise não condicionada dos indicadores.
- (5) Já o sexo evidencia-se aqui como sendo uma característica pouco significativa na explicação das variações, uma vez que os valores dos coeficientes são muito pequenos e não apresentam, em geral, significância estatística.
- (6) A análise da variação da taxa de inatividade evidencia um efeito “*added worker*” para as mulheres irlandesas não sendo este efeito evidenciado para os outros países. Do

mesmo modo não há evidência de efeitos “*discouraged worker*” em nenhum dos países.

5. Conclusão

O objetivo do presente trabalho foi a análise das alterações que ocorreram no mercado de trabalho por força da crise da dívida soberana para os diferentes grupos da população em Portugal, Espanha, Grécia e Irlanda.

A contextualização das crises anteriores foi usada para tentar compreender as alterações do mercado de trabalho em virtude da actual crise. No entanto, esta crise revela-se com efeitos muito mais nefastos e cavados, o que sustentou a expectativa de resultados distintos do estudo de crises anteriores.

Os principais indicadores do mercado de trabalho: taxa de emprego, taxa de desemprego e taxa de inatividade foram a principal base para a investigação realizada. Numa primeira fase, foram analisadas as principais tendências destes indicadores desde o período pré-crise até ao período pós-crise para o total da população e relacionadas com o ajustamento do PIB neste período. Destacou-se que apesar da crise nestes países diferir na sua génese, os efeitos são muito semelhantes, uma vez que rapidamente se atingiram taxas de desemprego brutais e diminuições das taxas de emprego significativas. Verificou-se um aumento generalizado da taxa de inatividade para todos os países exceto a Grécia, sendo que se observou uma diminuição da taxa de inatividade, o que pode ser traduzido pelo aumento da oferta de trabalho de indivíduos que antes se encontravam numa situação de inatividade.

O crescimento da taxa de desemprego é substancialmente explicado pelo decréscimo da taxa de emprego nos setores agrícola e industrial, o que evidencia algumas das consequências da crise mais afetados pela crise.

Posteriormente a análise repartiu-se para diferentes grupos da população, onde se concluiu acerca da vulnerabilidade dos jovens no mercado de trabalho, sendo estes os mais afetados pela perda de emprego e pelo agravamento do desemprego.

A estimação condicionado dos efeitos para diferentes grupos da população revelou-se particularmente útil para evidenciar a importância da escolaridade, como fator atenuante dos efeitos da crise no emprego, exceto no caso da Grécia.

O estudo realizado apresenta algumas conclusões semelhantes às obtidas por Cho e Newhouse (2013), como por exemplo, o facto de os jovens serem os mais afetados pela perda de emprego e os que mais contribuem para o aumento do desemprego. Algumas explicações apresentadas por estes autores para o desemprego jovem são aplicáveis aos países estudados, como por exemplo, que o desemprego jovem tende a ser maior uma vez que, em contexto de crise, a hipótese de obter emprego é muito reduzida para este grupo da população.

No entanto, no estudo de Cho e Newhouse, as disparidades entre homens e mulheres aparentam ser bastante significativas, o que não se verifica neste trabalho, sendo que se deve provavelmente às diferentes características dos países analisados em termos do estatuto socioeconómico e educacional das mulheres. Nestes quatro países as taxas de atividade feminina tem vindo a crescer nos últimos anos e as mulheres têm níveis educacionais muito semelhantes aos homens.

Relativamente ao fator escolaridade, aquele estudo refere que este fator não é muito explicativo e que as disparidades observadas são diminutas, o que contraria algumas conclusões do presente trabalho, uma vez que a baixa escolaridade surgiu como um fator penalizador do emprego e que contribui para o aumento do desemprego.

Uma das conclusões comuns são os reduzidos indícios encontrados de efeitos “*added worker*” e “*discouraged worker*”.

O aumento da taxa de inatividade para a generalidade dos jovens, não é analisada por Cho e Newhouse, mas aparentou evidenciar-se neste estudo, o que pode revelar um efeito de desencorajamento em estar no mercado de trabalho para procurar formação adicional, sendo provável que esta seja mais facilmente acessível nos quatro países estudados do que nos analisados por estes autores.

Num estudo futuro seria interessante compreender que fatores, tais como a distribuição setorial dos trabalhadores e o peso desse setor no emprego, explicam as diferenças na evolução das taxas de emprego, desemprego e inatividade dos diferentes grupos e as disparidades existentes entre estes.

Referências Bibliográficas

Cho, Y.;Newhouse, D. (2013) *How Did the Great Recession Affect Different Types of Workers? Evidence from 17 Middle-Income Countries*, *World Development*, 41; 31-50.

Cho, Y.;Newhouse, D. (2011) *How Did the Great Recession Affect Different Types of Workers? Evidence from 17 Middle-Income Countries*, IZA Discussion Papers 5681, Institute for the Study of Labor (IZA).

CE, Comissão Europeia (2012) *The Impact of the Economic Crisis on the Situation of Women and Men and on Gender Equality Policies*. Luxemburgo,CE.

BIS, Banco de pagamentos internacionais, consultado a Novembro de 2013 em <http://www.bis.org/statistics/derstats.htm>.

Ehrenberg, R. G.; Smith, R. S. (2012) *Modern Labor Economics: Theory and Public Policy*. Boston, Pearson,11;218-222.

EURES, Portal europeu da mobilidade profissional, Consultado a Novembro de 2013 em www.ec.europa.eu/eures.

Ghignoni, E.; Verashchagina, A. (2012) *Added versus discouraged worker effect during the recent crisis : evidence from Italy*. Roma, Sapienza University of Rome.

Krugman, P. (2010) An Irish Mirror. *New York Times* . Consultado a Outubro de 2013 em nytimes.com.

Long, C. (1958) *The Labor Force under Changing Income and Employment*. Consultado a outubro de 2013 em www.nber.org/books/long58-1.

Mincer, J. (1962) *Labor Force Participation of Married Women* in H.G. Lewis (ed.) *Aspects of Labor Economics*, Princeton University Press, 63-106.

PE, Parlamento Europeu (2011) *Gender Aspects of the Economic Downturn and Financial Crisis*. Bruxelas, PE.

OECD (2012). *International Migration Outlook 2012*, Paris, OCDE, Consultado a Novembro de 2013 em <http://www.npdata.be/BuG/165-NV-A-migratie/OECD-Migration-Outlook-2012.pdf>.

Villa, P.; Smith, M. (2010) *Gender Equality, Employment Policies and the Crisis in EU Member States Synthesis Report 2009*, Trento, University of Trento Grenoble Ecole de Management.

Woytinsky, W.S. (1940) 'Additional Workers and the Volume of Unemployment in the Depression', S.S.R.C..

Anexos

Tabela A1- Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise dos diferentes grupos de trabalhadores para a taxa de emprego em Portugal.

Indicador	Taxa de Emprego					Diferença Percentual anual em pontos percentuais (em p.p.)				Média dos resultados no período pré- crise (em p.p.)	Média dos resultados no período pós- crise (em p.p.)
Características dos trabalhadores	<i>Homens jovens com baixa escolaridade</i>									0,7	-5,8
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	86,3	87,5	85,0	87,9	89,1	1,2	-2,5	3,0	1,2		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	89,1	83,1	80,6	75,8	65,8	-6,0	-2,5	-4,8	-10,0		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					-6,5						
Características dos trabalhadores	<i>Homens jovens com escolaridade elevada</i>									-5,3	-2,8
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	94,2	74,3	74,6	79,3	73,0	-19,9	0,4	4,7	-6,3		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	73,0	73,7	71,9	68,6	62,0	0,8	-1,8	-3,3	-6,6		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					2,5						
Características dos trabalhadores	<i>Homens adultos com baixa escolaridade</i>									-0,3	-1,9
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	95,6	94,3	93,5	94,1	94,5	-1,3	-0,8	0,6	0,4		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	94,5	93,4	92,4	89,9	86,9	-1,1	-1,0	-2,5	-3,0		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					-1,6						
Características dos trabalhadores	<i>Homens adultos com escolaridade elevada</i>									0,0	-1,6
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	95,6	94,8	95,5	94,9	95,7	-0,8	0,7	-0,5	0,8		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	95,7	94,2	94,5	90,9	89,2	-1,5	0,3	-3,6	-1,7		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					-1,7						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres jovens com baixa escolaridade</i>									-2,1	-4,8
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	90,7	82,1	83,3	82,7	82,4	-8,6	1,2	-0,6	-0,3		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	82,4	80,9	76,9	69,6	63,2	-1,5	-3,9	-7,4	-6,4		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					-2,7						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres jovens com escolaridade elevada</i>									-2,9	-3,0
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	84,5	76,1	70,2	72,0	72,8	-8,4	-5,8	1,8	0,8		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	72,8	76,3	75,1	72,2	60,6	3,6	-1,2	-2,9	-11,6		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					-0,1						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres adultas com baixa escolaridade</i>									-0,3	-2,0
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	93,3	92,3	92,2	92,2	92,2	-1,0	-0,1	0,0	0,0		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	92,2	90,1	88,2	88,2	84,3	-2,0	-1,9	0,0	-4,0		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					-1,7						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres adultas com escolaridade elevada</i>									-0,8	-0,9
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	96,3	94,5	94,0	92,4	93,2	-1,8	-0,5	-1,7	0,8		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	93,2	94,6	93,2	92,7	89,6	1,4	-1,4	-0,5	-3,1		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					-0,1						

Tabela A2- Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise dos diferentes grupos de trabalhadores para a taxa de desemprego em Portugal.

Indicador	Taxa de Desemprego					Diferença Percentual anual em pontos percentuais (em p.p.)				Média dos resultados no período pré- crise (em p.p.)	Média dos resultados no período pós- crise (em p.p.)
	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Características dos trabalhadores	<i>Homens jovens com baixa escolaridade</i>									-0,4	5,8
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	12,5	12,5	15	12	10,9	0	2,5	-3	-1,1		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	10,9	17	19,5	24,1	34,2	6,1	2,5	4,6	10,1		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					6,225						
Características dos trabalhadores	<i>Homens jovens com escolaridade elevada</i>									0,9	3,1
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	23,9	23,9	29,9	28,1	27,3	0	6	-1,8	-0,8		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	27,3	23,9	25,1	28	39,5	-3,4	1,2	2,9	11,5		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					2,2						
Características dos trabalhadores	<i>Homens adultos com baixa escolaridade</i>									0,3	1,9
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	4,4	5,7	6,5	5,9	5,5	1,3	0,8	-0,6	-0,4		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	5,5	6,6	7,6	10,1	13,1	1,1	1	2,5	3		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					1,625						
Características dos trabalhadores	<i>Homens adultos com escolaridade elevada</i>									0,0	1,6
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	4,4	5,2	4,5	5,1	4,3	0,8	-0,7	0,6	-0,8		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	4,3	5,8	5,5	9,1	10,8	1,5	-0,3	3,6	1,7		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					1,65						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres jovens com baixa escolaridade</i>									-0,1	4,8
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	17,9	17,9	16,8	17,4	17,6	0	-1,1	0,6	0,2		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	17,6	19,1	23	30,4	36,7	1,5	3,9	7,4	6,3		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					4,85						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres jovens com escolaridade elevada</i>									0,9	3,1
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	23,9	23,9	29,9	28,1	27,3	0	6	-1,8	-0,8		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	27,3	23,9	25,1	28	39,5	-3,4	1,2	2,9	11,5		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					2,2						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres adultas com baixa escolaridade</i>									0,3	2,0
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	6,7	7,7	7,8	7,8	7,8	1	0,1	0	0		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	7,8	9,9	11,8	11,8	15,7	2,1	1,9	0	3,9		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					1,7						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres adultas com escolaridade elevada</i>									0,8	0,9
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	3,7	5,5	6	7,6	6,8	1,8	0,5	1,6	-0,8		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	6,8	5,4	6,8	7,3	10,3	-1,4	1,4	0,5	3		
Variação média entre os resultados do período pós- crise e pré- crise					0,1						

Tabela A3- Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise dos diferentes grupos de trabalhadores para a taxa de inatividade em Portugal.

Indicador	Taxa de Inatividade					Diferença Percentual anual em pontos percentuais (em p.p.)				Média dos resultados no período pré-crise (em p.p.)	Média dos resultados no período pós-crise (em p.p.)
	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Características dos trabalhadores	<i>Homens jovens com baixa escolaridade</i>									-1,8	-1,6
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	66,7	62,2	62,7	60,2	59,6	-4,5	0,5	-2,5	-0,6		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	59,6	61,2	61,1	55,4	53,1	1,6	-0,1	-5,7	-2,3		
Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise					0,2						
Características dos trabalhadores	<i>Homens jovens com escolaridade elevada</i>									3,5	3,3
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	22,7	23,4	37,3	27,2	36,6	0,7	13,9	-10,1	9,4		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	36,6	47	44,2	35,3	49,6	10,4	-2,8	-8,9	14,3		
Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise					-0,2						
Características dos trabalhadores	<i>Homens adultos com baixa escolaridade</i>									-0,5	-0,2
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	13,2	12,9	11,6	12,4	11,3	-0,3	-1,3	0,8	-1,1		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	11,3	10,3	9,5	9,7	10,5	-1	-0,8	0,2	0,8		
Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise					0,3						
Características dos trabalhadores	<i>Homens adultos com escolaridade elevada</i>									-0,4	0,6
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	7,1	6,3	7,3	5,9	5,6	-0,8	1	-1,4	-0,3		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	5,6	6,9	9,1	8,2	7,8	1,3	2,2	-0,9	-0,4		
Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise					0,9						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres jovens com baixa escolaridade</i>									-1,3	-1,2
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	68,7	68,1	66,3	62,8	63,5	-0,6	-1,8	-3,5	0,7		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	63,5	60,9	62	60,4	58,6	-2,6	1,1	-1,6	-1,8		
Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise					0,1						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres jovens com escolaridade elevada</i>									-0,4	3,6
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	20	21,3	23,2	21,1	18,3	1,3	1,9	-2,1	-2,8		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	18,3	25,9	31,6	27	32,5	7,6	5,7	-4,6	5,5		
Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise					4,0						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres adultas com baixa escolaridade</i>									-0,3	-1,1
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	17,2	17,1	15,6	16,2	16,2	-0,1	-1,5	0,6	0		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	16,2	15,1	13,4	11,9	11,7	-1,1	-1,7	-1,5	-0,2		
Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise					-0,9						
Características dos trabalhadores	<i>Mulheres adultas com escolaridade elevada</i>									0,3	-0,1
Período/Anos	2004	2005	2006	2007	2008	2004-2005	2005-2006	2006-2007	2007-2008		
Pré crise	8,4	8,7	9,6	9,3	9,5	0,3	0,9	-0,3	0,2		
Período/Anos	2008	2009	2010	2011	2012	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012		
Pós Crise	9,5	9	8,7	10,2	9	-0,5	-0,3	1,5	-1,2		
Variação média entre os resultados do período pós-crise e pré-crise					-0,4						